

-por Lucy Teixeira 12 OUT 1980

A terra maranhense nos poemas de Sarney

Os poetas do Maranhão se identificam numa temática que, lhes sendo essencial, se abre num segundo tempo, em diversificações imprevisíveis, estabelecendo e permitindo objetivações de valores inconfundíveis. Refiro-me à nostalgia da terra e à maneira pela qual ela é sentida pelos poetas daquele estado.

Galçalves Dias inaugurou sem dúvida com a "Canção do Exílio" esse percurso lírico cujo ponto mais alto na poesia contemporânea é representado por Ferreira Gullar no seu extraordinário "Poema Sujo". Aqui a recordação de uma infância em terra estranha e em condições adversas permitiu que, de repente, a poesia explodisse numa linguagem de corolas vulcânicas abertas à força de uma emoção que se condensara demasiadamente.

Ao lado de Gullar e movido pela mesma temática eis que o livro de José Sarney, "Os maribondos de fogo" (1) veio trazer um contributo inconfundível à poesia brasileira. É que a linha essencial desse livro está a mover-se sobre palavras cujas **physis** existe na medida em que é aceno para uma transcendência existencial e esta, paradoxalmente, se nos insinua como o outro, secreto horizonte do real, talvez o mais verdadeiro porque consequência de transfigurações nas quais a **durée** foi só caminho para dolorosa imortalidade. Dolorosa porque conquistada inicialmente através dos perdidos caminhos da infância.

A primeira parte do livro que, aliás, lhe dá o título, já nos revela, em seus onze poemas, a força interior de uma paisagem que, ao se instalar na sensibilidade do poeta, jamais o abandona, e ele o diz:

"este sonho me navega como um recado de morte que recebi e não sei, sabendo que assim serei."

A conscientização permanente

do efêmero é a dimensão dentro da qual a poesia de José Sarney se exercita com maior vigor e com extrema contensão emocional. Por sua vez o sinal definidor dessa poesia está na recusa de certos caminhos metafóricos que possivelmente levariam o poeta a artifícios talvez louváveis, mas menos surpreendentes. É que a linguagem poética de "Os maribondos de fogo" surge dum contraste operacional de escolhas, sem substituições ou passagens de movimento pois que se a força telúrica se faz nostálgica ela não se transfigura enquanto ação no verso; ela se transfigura **após** ser jogada, ou melhor, coagulada no tempo emocional que se faz verso. Um dos exemplos mais sugestivos dessa observação é certo trecho da "Carta do Anti-Santo José aos seus tristes":

"IRMÃOS:

EU, José, vos digo que a vida é um bando de itãs que gritam histéricas na beira do lago de Viana à espera da terra parar de repente e de repente a canarana ter flores eternas, as mangueiras terem galhos de meia légua debaixo da sua sombra os índios pedirem amor com os anjos plantando rosas de capim de marreca."

(1) - Editora Artenova, Rio, 1979.

Do trecho citado se verifica de imediato como o mundo da natureza amado na infância se instala de maneira definitiva e subterrânea na visão do poeta e, mais ainda: cresce com ela, se infiltra e se espalha tal qual trepadeira invisível para ressurgir depois transfigurada em líricas conotações cujo ineditismo repousa na imagem primordial, núcleo mágico que feriu a visão do poeta quando menino, esse "bando de



itãs que gritam histéricas na beira do lago de Viana".

Esta poesia tão brasileira em sua cultura imagística pois que aderente a uma realidade que palpita naturalmente a cada instante na voz do poeta, - esta poesia oferece ainda um contributo de extraordinária riqueza à nossa língua no sentido de conquista e incorporação de uma terminologia local que é poetizada à medida em que liricamente se dinamiza, amalgamando - se às raízes da própria estrutura conotativa, uma vez que, esbatido o espaço pitoresco, a formulação verbal já se enriquece. Eis um poeta nitidamente brasileiro a falar de si mesmo, de sua infância, essa miraculosa "floresta de andrajos" (2): "VEJO as gaiolas vazias sujas do cheiro do adeus"

ou

"EU barro do Maranhão chapadas de Urucurana, homem e pássaro onde fui aventureiro de sonhos."

(2) - pág. 20, poema V.

Mas todo o livro, nesse aspecto, é um reencontro imediato com a natureza do nordeste do Brasil, a renascer diretamente em cada poema, como se a qualquer momento pudesse jorrar das palavras o "sangue de telhas quebradas", "o grito das jape-cocas", "os guriatãs cantando em ladainha" ou o próprio mistério do poeta "pousado nos Igarapés entre ninhos de jaçanãs". Tudo palpita numa realidade física que transcende a comovedora evocação romântica dos "meus oito anos" porque aqui o poeta, se recolhe da

memória a matéria vivida, é para cancelar o mero passado cronológico e atingir um passado - presente cujas dimensões míticas tocam o coração da infância.

Se, como afirma Frye (3), uma das características principais da imagem poética é sempre a fusão do concreto e do abstrato, dos aspectos espaciais e daqueles conceituais, José Sarney partindo de tal implicação, reforça o processo associativo com equivalências imprevisíveis na estrutura lingüística, como nos últimos versos citados ("VEJO as gaiolas vazias etc.) ou na síntese a universalizar a plenitude do real:

"MAS eu, os bois, minha mãe e os bem - te - vis éramos felizes e cantávamos".

Outra observação - para concluir estes apontamentos sobre o poeta maranhense - é o relevo que dá José Sarney aos demonstrativos quase sempre ricos de graveza semântica e que, de certo modo, estão como a solicitar a participação ou convivência do leitor; sem dúvida eles dilatam a pluralidade dos significados.

(3) - "Anatomia della Critica" - Einaudi Editore Turim, 1970.

Eis um dos exemplos melhores: "OÍÇO o tropel, nuvem perto partindo o nosso silêncio como uma anta bravía galhos da selva quebrando e nunca chegando perto desse deserto animal que faminto come pétalas dessa ucuuba sombria que na noite tinha o dia

As tatafras que zumbem nessa colmeia de ossos constroem o amargo mel do gosto destas cantigas."

E o que mais dizer da poesia de "Os maribondos de fogo" senão informar ao leitor (através do poeta) de

"que estes versos são como a parede em que a mão do pedreiro desaparece entre o barro e a casa."-?